



- Mas é uma pergunta que não pede resposta. Gi fá-la por fazer e sorri o seu lindo sorriso
- branco de 18 anos. Depois ambas dão um beijo rápido, breve, no ar, não se tocam, nem tal
- seria possível, começam a mover-se ao mesmo tempo, devagar, como quem anda na água
- ou contra o vento. Vão ficando longe, mais longe. E nenhuma delas olha para trás. O esque-
105 cimento desceu sobre ambas.

- Agora está à janela a ver o comboio fugir de dantes, perder para todo o sempre árvores e
- casas da sua juventude, perder mesmo a mulher gorda, da passagem de nível, será a mesma
- ou uma filha ou uma neta igual a ela? Árvores, casas e mulher acabam agora mesmo de mor-
- rer, deram o último suspiro, adeus. Uma lágrima que não tem a ver com isto mas com o que
110 se passou antes – que terá sido que já não se lembra? –, uma simples lágrima no olho direito, o
- outro, que esquisito, sempre se recusa a chorar. É como se se negasse a compartilhar os seus
- problemas, não e não.

- A figura vai-se formando aos poucos como um *puzzle* gasoso, inquieto, informe. Vê-
- se um pedacinho bem nítido e colorido mas que logo se esvai para aparecer daí a pouco,
115 nítido ainda, mas esfumado. George fecha os olhos com a força possível, tem sono, volta a
- abri-los com dificuldade, olhos de pupilas escuras, semicirculares, boiando num material
- qualquer, esbranquiçado e oleoso.

- À sua frente uma senhora de idade, primeiro esboçada, finalmente completa, olha-a
- atentamente. De idade não, George detesta eufemismos, mesmo só pensados, uma mu-
- lher velha. Tem as mãos enrugadas sobre a carteira preta, cara, talvez italiana, italiana, sim,
120 tem a certeza. A velha sorri de si para consigo, ou então partiu para qualquer lugar e deixou
- o sorriso como quem deixa um guarda-chuva esquecido numa sala de espera. O seu sorri-
- so não tem nada a ver com o de Gi – porque havia de ter? –, são como o dia e a noite. Uma
- velha de cabelos pintados de acaju, de rosto pintado de vários tons de rosa, é certo que dis-
125 cretamente mas sem grande perfeição. A boca, por exemplo, está um pouco esborratada.

- Sem voz e sem perder o sorriso diz:

- *Verá que há de passar, tudo passa. Amanhã é sempre outro dia. Só há uma coisa, um crime,
- que ninguém nos perdoo, nada a fazer. Mas isso ainda está longe, muito longe, para quê pensar
- nisso? Ainda ninguém a acusa, ainda ninguém a condena. Que idade tem?*

130 - *Quarenta e cinco anos. Porquê?*

- *É muito nova – afirma. – Muito nova.*

- *Sinto-me velha, às vezes.*

- *É normal. Eu tenho quase 70 anos. Como estava a chorar, pensei...*

- Encolhe os ombros, responde aborrecida:

135 - *Não tive desgosto nenhum, nenhum. Um encontro, um simples encontro...*

- *Também tenho muitos encontros, eu. Não quero tê-los mas sou obrigada a isso, vivo tão só.
- Cheguei à ignomínia¹² de pedir a pessoas conhecidas retratos da minha família. Não tinha ne-
- nhum, só um retrato meu, de rapariguinha. E retratos de amigos, também. De amigos desapare-
- cidos, levados pelas tempestades, os mais queridos, naturalmente. Porque... o tal crime de que lhe
140 falei, o único sem perdão, a velhice. Um dia vai acordar na sua casa mobilada...*

- *Como sabe que...*

¹² baixa moral

¹³ Robert Baden-Powell, fundador do movimento dos escuteiros (1857-1941)

¹⁴ Claude Lévi-Strauss, antropólogo francês (1908-2009); existe uma marca de calças com esta designação